



Audiovisualidades e educação para as drogas: práticas redutoras de danos na escola básica

Audiovisualities and education for drugs: harm reduction practices in basic school

Flávio da Silva MIRANDA

PPGEBS/IOC/FIOCRUZ

flaviosmiranda@outlook.com

Luciana Bessa Diniz de MENEZES

Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

bessalu@yahoo.com.br

João Paulo Cunha PARADA

PPGEBS/IOC/FIOCRUZ

joaopauloparada@gmail.com

Francisco José Figueiredo COELHO

PPGEBS/IOC/FIOCRUZ

educacaosobredrogas@gmail.com

Abstract. *We identify audiovisualities as a plural and contemporary term, where the forms of displaying images and sounds multiply and migrate uncontrollably across different screens, making them accessible to an ever-increasing number of people. As a group that researches the topic of drugs in education, we recognize that scenarios of violence and stigmatization of users – a result of prohibitionist policies in the war on drugs – have a negative impact on schools. Based on these findings, Education and Drugs Research Group – GPED has invested in a new area of work focused on education for drugs from the perspective of harm reduction, using audiovisualities as a possible pedagogical tool. In this article, we present the dynamics and developments of the course for teachers: Audiovisualities on Drugs. Based on the idea that training channels can help teachers address the issue, our discussions move towards the understanding that audiovisuals can help develop education for drugs that moves away from discourses that perpetuate violence.*



Keywords: *Audiovisualities. Education for Drugs. Harm Reduction.*

Resumo. Identificamos as audiovisualidades como um termo plural e contemporâneo, onde as formas de exibição de imagem-som se multiplicam e migram de uma maneira incontável por diferentes telas, o que as tornam acessíveis a um número cada vez maior de pessoas. Enquanto grupo que pesquisa a temática das drogas na educação, reconhecemos que cenários de violência e estigmatização de usuários – resultado das políticas proibicionistas de guerra às drogas – se refletem de forma negativa nas escolas. A partir destas constatações, o Grupo de Pesquisa Educação e Drogas – GPED tem investido em um novo eixo de trabalho voltado à educação para as drogas na perspectiva da redução de danos, tendo as audiovisualidades como possibilidade de ferramenta pedagógica. Neste artigo, apresentamos a dinâmica e os desdobramentos do curso para professores: Audiovisualidades sobre Drogas. Partindo da ideia que canais de formação podem ajudar professores a tratar do assunto, nossas discussões caminham no entendimento que as audiovisualidades podem auxiliar no desenvolvimento de uma educação para as drogas que se afaste de discursos perpetuadores da violência.

Palavras-chave: Audiovisualidades. Educação para as Drogas. Redução de Danos.

Recebido: 01/05/2025 Aceito: 07/09/2025 Publicado: 20/10/2025

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.483

1. Introdução

O filme *Cidade de Deus* (2002), dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, é considerado pela crítica especializada um dos longas-metragens brasileiros mais importante de todos os tempos. Estudos acadêmicos¹ apontam para a potência dessa obra audiovisual, que coloca questões importantes para a reflexão como o uso de drogas, violência e preconceito. Mesmo tendo deixado as salas de cinema há mais de 20 anos, ele continua circulando por diferentes telas e até mesmo nas escolas como mostra o site² da Secretaria de Educação do Paraná, que utiliza fragmento da película em uma proposta de atividade na disciplina de Sociologia.

Além de constituírem expressões da imaginação e da criatividade, os filmes apresentam saberes, olhares e fazeres sobre os mais diferentes aspectos da experiência cultural. Existem outras obras que exploram o tema drogas – foco deste texto. Alguns de forma explícita como “Querido menino” (2018), “Dom” (2021), “Eu, Christiane F. – 13 anos, drogada e prostituída” (1981), e outros tão sutis que nem nos damos conta de estarmos diante de uma situação de uso de drogas. Em apenas poucas frações de segundos uma personagem aparece em cena fumando um

¹ Para citar dois exemplos: “Criminalidades e droga: problemas sociais analisados a partir do filme *Cidade de Deus*”, Everton Samuel dos Santos Melo (Universidade do Minho/Portugal); “*Cidade de Deus* em 360º”, Samanta Antoniazzi e Amadeu de Oliveira Weinmann (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

² Disponível em <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=12218> Acesso em: 29 jan. 2024.

baseado, de forma natural e descontraída, ou mesmo acendendo um cigarro ou ingerindo uma bebida alcoólica, estes dois últimos exemplos estão presentes na maior parte das películas.

Fischer (2002) em seu estudo sobre a televisão, mostra que as mídias participam efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, por meio das imagens e significações que produz, e que, de alguma forma, elas “educam” as pessoas, ensinando modos de ser e estar no mundo. Para a autora, as mídias são importantes espaços de formação assim como a família, a escola e as instituições religiosas. A concepção de “mídias” utilizada por Fischer (2002) se refere a todas as tecnologias de comunicação e informação atuais, incluindo, o cinema e o audiovisual³.

É difícil imaginar o nosso dia a dia sem a linguagem audiovisual. É notória a reconfiguração no cenário de produção e circulação de conhecimento provocada pela *internet*, aliada à globalização econômica e a mundialização da cultura. Estudos como os de Victorio Filho, Berino e Soares (2018) e Kilpp (2010) reconhecem que o audiovisual transborda os limites formais das mídias a partir do surgimento da *internet* e dos dispositivos móveis, como os *smartphones*. A facilidade de acesso provocada por essas novas tecnologias não só possibilitou o visionamento de diferentes produções audiovisuais como, também, proporcionou a cada pessoa com um celular com câmera, se tornasse produtora de narrativas audiovisuais. Em outras palavras as audiovisualidades assumem um papel importante em contextos pedagógicos, dentro ou fora da escola, visto que seu acesso tem sido cada vez mais disseminado socialmente, especialmente no trato de temas complexos como o abuso de substâncias, tecnologias e afins.

A partir dessa constatação, neste artigo trazemos para a discussão o que parte dos referenciais teóricos desses autores nos dizem sobre as audiovisualidades, entendidas como um termo plural e contemporâneo. As formas de exibição de imagem-som se multiplicam e migram de uma maneira incontrolável pelas diferentes telas, o que as tornam acessíveis a um número cada vez maior de pessoas, inclusive, aquelas que não dominam o código escrito.

Atento ao cenário atual, o Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED) tem investido em um novo eixo de trabalho direcionado à educação para drogas na perspectiva da Redução de Danos, tendo as audiovisualidades como ferramenta pedagógica mediadora. Neste artigo, apresentaremos um dos projetos inseridos nessa proposta: o curso remoto **Audiovisualidades sobre Drogas**, realizado em 2021, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ).

1.1 Educação para drogas na perspectiva da Redução de Danos

³ Usaremos a terminologia audiovisual nesse trabalho de forma indistinta para filmes, curtas e vídeos.

Antecedendo qualquer debate acerca das audiovisualidades sobre drogas e temas afins, convém oferecer um breve panorama social. Isso inclui considerar que as diversas formas do uso das drogas se convertem em um hábito milenar e o conhecimento sobre seus efeitos são bastante comuns em nossa história (Carneiro, 2018). Ao observarmos práticas mais recentes notamos que quando ouvimos a palavra droga, rapidamente vêm a nossa mente, uma associação a acontecimentos ruins ou a estigmatização e estereótipos que se apresentam geralmente, ligados ao uso abusivo das drogas ilícitas. Cabe refletir sobre o estabelecimento de um cenário de superdimensionamento das eventuais repercussões negativas sobre o uso dessas drogas.

Historicamente os contextos que fomentam essas visões fatalistas e demonizadoras sobre essas substâncias psicotrópicas, tomam corpo a partir do século XX. Seguindo numa trajetória internacional de controle das drogas, o Brasil optou pela importação de um sistema preconcebido de programa político criminal, que se solidificou nos Estados Unidos da América e em diversas convenções ao redor do mundo. Implementando um conjunto de reformas que configuram o enfoque proibicionista (Rodrigues, 2012). Uma ação pautada principalmente nas drogas ilícitas, que produziram o que chamamos de guerra às drogas.

Diante do cenário apresentado, Ribeiro e Júnior (2020) reconhecem os respingos das ações proibicionistas e sua disseminação, instaurando um entendimento social de que as drogas se apresentam com efeito devastador, ligados a danos irreparáveis e reforçam a questão da violência e do medo. Estabelece-se assim, na perspectiva dos autores, uma predominância de resultados nocivos geradores de violência, associados a questão bélica e de criminalização.

Vale perceber que essa conjuntura presente na sociedade se reflete nas escolas. Autoras como Adade e Monteiro (2014) apresentam em seus trabalhos, os insucessos nas abordagens educacionais centradas no proibicionismo. Enfatizando que a maioria dos projetos referentes à Educação para as Drogas são fortemente influenciados por essa visão. Dê-se destaque ao Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), desenvolvido na década de 90 pela Polícia Militar e presente em escolas de todos os estados brasileiros. Somado ao crescente consumo de álcool, que não é uma droga ilícita, mas assume contextos de uso/abuso entre a população. Sendo globalmente a droga que mais gera fatores de risco (Coelho; Monteiro, 2018).

Com base nesses apontamentos, e percebendo que o tema das drogas está presente na sociedade e suas questões repercutem nas escolas, entendemos ser importante haver práticas educativas que possam ampliar as discussões, incorporando outros contextos e abordagens.

Adade e Monteiro (2014) e Coelho, Silva e Monteiro (2020) propõem a realização de uma educação para as drogas mais crítica e reflexiva, ao trazerem uma visão ampliada e global sobre a realidade social, apontando a existência de limitações e insucessos das abordagens proibicionistas, voltadas para o controle e a prevenção do uso indevido das drogas. “Faz-se

necessário promover exercícios reflexivos dialógicos, que levam em conta o conjunto de experiências dos seres humanos com substâncias histórica e socialmente registradas” (Coelho, Silva e Monteiro, 2020, p.75).

Dado o reconhecimento da escola como espaço fértil para promover a prevenção do uso abusivo. Ao se falar de drogas, em vez de proibir, a atenção principal deveria estar focada em minimizar as consequências do uso abusivo (Coelho, Silva e Monteiro, 2020).

Nesse contexto, as audiovisuais aparecem nas discussões e práticas do GPED/UERJ, como possibilidades de pesquisa e produção de uma educação para as drogas fundamentadas na perspectiva da redução de danos.

1.2 Audiovisualidades na Educação para as Drogas

Tendo apresentado um panorama social e educativo da Educação para as Drogas, nesta seção começamos a explorar os desafios e potencialidades do uso das audiovisuais. O primeiro grande pressuposto é reconhecer que vivemos em uma sociedade centrada no consumo de audiovisuais. Seja no acesso ao *TikTok*, *YouTube*, *WhatsApp* e outros canais de circulação imagética, a imagem em movimento perpassa diferentes canais de comunicação. Com o amparo de Fischer (2002) e Kilpp (2010), percebemos grandes possibilidades do uso das audiovisuais, mas também desafios.

Um destes, está pautado no desconhecimento da escola acerca do uso dos recursos pedagógicos audiovisuais. Nesse alinhamento, o uso das audiovisuais não pode ser declarada apenas como ferramenta que promove ludicidade. Do contrário, pode e deve ser planejada de forma que se aproprie e possibilite debates crítico-participativos. Neste cenário, convém lembrar as palavras de Soares (2016) na medida em que o audiovisual “(...) possibilita questionar modelizações e engendrar outros modos de conhecer e de se constituir, para além daqueles hegemonicamente fixados conforme os interesses do capital” (Soares, 2016, p.92).

Há muito tempo o audiovisual está presente nas salas de aula (Duarte, 2009). Seu uso permite criar excelentes oportunidades para aproximar o cotidiano dos alunos aos conteúdos curriculares, mobilizando a sensibilidade, a intuição e as emoções, de forma a potencializar e contribuir no processo ensino-aprendizagem (Morán, 1995; Ferrés, 1996). Cabe, aqui, uma ressalva importante. Como antes mencionado, ressaltamos, não basta apenas exibir filmes “moralizantes” ou do ponto de vista desejado pelo professor sobre um tema para que o aluno “assimile” o conteúdo ou mude seu comportamento. Sem uma educação para as mídias, não será possível problematizar temas e situações mais complexas como a Educação para as Drogas. É necessário conhecer melhor a linguagem audiovisual para que diferentes formas de uso emergam, o que possibilitará uma

construção do conhecimento mais rica e interessante, proporcionando a professores e estudantes a mobilização de espaços de diálogo.

Em um estudo baseado na análise de filmes que abordam o uso de drogas e sua relação com o ambiente familiar, Silva, *et al.* (2008) comentam que, de maneira geral, a questão é tratada de forma moralista, conservadora e muitas vezes preconceituosa. Assim, justifica-se a importância de promover na escola uma análise crítica do audiovisual, de forma a promover o diálogo e a aprendizagem, sem fomentar prejulgamentos presentes na perspectiva proibicionista, abrindo a reflexão para o uso/abuso de drogas entre jovens numa discussão centrada na minimização das consequências do uso abusivo e não propriamente na proibição.

Também de acordo com os estudos de Silva, *et al.* (2008), os filmes analisados denunciam de forma crítica os sistemas sociais e a falência das políticas públicas de combate às drogas. O que é extremamente importante para uma visão mais crítica do tema, uma de nossas intenções neste artigo.

2. I Mostra Audiovisual Tirando a Droga de Cena – saúde & bem-estar: praticando e repensando a educação para as drogas a partir das audiovisualidades

O eixo Audiovisualidades na Educação para Drogas surgiu desde o início do GPED em 2017, a partir de problematizações que evidenciavam o uso de diferentes audiovisuais sobre drogas em trabalhos acadêmicos e nas experiências docentes. Parte deste caminho foi explorado no projeto de extensão Cinema e História nos Cursos de Formação de Professores: leitura e produção.

Com o objetivo de fomentar a reflexão sobre a política de drogas no Brasil e no mundo, analisando seus efeitos na população jovem. O projeto desenvolve cursos, oficinas, rodas de conversa e palestras, sobre álcool, medicamentos e outras drogas, para professores e estudantes, articulando com análises de materiais didáticos e paradidáticos, explorando os potenciais político-educativos das imagens e textos e seus contextos e processos de produção.

Com isso, a partir desse eixo, o grupo começou a reunir professores e pesquisadores da área de audiovisual e com essa diversidade de olhares e conhecimentos atuam juntos na Educação para as Drogas.

Outro projeto de extensão que permeou o âmbito das audiovisualidades no GPED/UERJ foi a I Mostra de Audiovisual Tirando a Droga de Cena⁴ – Saúde & Bem-Estar, parceria entre o grupo de pesquisa e a Gerência de Extensão Curricular e Turno Único (GECTU), da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), ocorrida no ano de 2021, aberta na Semana de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas seguindo cronograma de atividades conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1. Programação da I Mostra Audiovisual Tirando a Droga de Cena – Saúde & Bem-Estar.

Data/período	Descrição da atividade
22/06/ 2021	9 h às 9h30 – Abertura da Mostra Turno da Manhã (10 h às 11h30) ou Turno da Tarde (14 h às 15h30) – Sessão on-line <i>HAPPINESS</i> - (GPED/UERJ)
23/06/2021	Turno da Manhã (9 h às 10h30) ou Turno da Tarde (14 h às 15h30) – Sessão on-line <i>NUGGETS</i> - (GPED/UERJ).
24/06/2021	manhã (9 h às 11 h) ou tarde (14 h às 16 h) Oficina: Como tirar o filme do papel (Núcleo Audiovisual da MultiRio).
25/06/2021	manhã (9 h às 11 h) ou tarde (14 h às 16 h) – Encontro sobre edição de vídeos com equipe da (MultiRio)
De julho a outubro	Produção de vídeos de 2 minutos por alunos e professores com o tema “O que você fez durante o período de pandemia para se manter saudável?”
9 e 10 de setembro de 2021	Curso Audiovisualidades sobre Drogas.
1ª quinzena de novembro	“Feito em Casa” – exibição dos curtas de até dois minutos produzidos por alunos e professores no período de julho a outubro de 2021.

Fonte: elaborada pelos autores (2025)

No primeiro momento, foram oferecidas diversas atividades de formação para os profissionais da Rede Pública Municipal de Ensino. Entre tais ações, foram promovidas duas sessões de filmes (os

⁴ A Mostra audiovisual estava inserida em um Programa que contempla também o Concurso Audiovisual Tirando a Droga de Cena (TDC). Criado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em parceria entre a Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química (SEPQ) e a Secretaria Municipal de Educação (SME), teve seu início no ano de 2001, com objetivo de estimular a reflexão acerca da temática da prevenção à dependência química, através da participação de alunos e professores da Rede, na escrita de textos teatrais. Em 2010 em novo formato, passa a contemplar obras audiovisuais. O concurso TDC surgiu no contexto da promulgação da Lei Municipal 2.799 de abril de 1999, que tornou obrigatória a inclusão de noções de prevenção e defesa contra o uso de drogas e tóxicos no programa de ensino das unidades escolares do município do Rio de Janeiro. Devendo a condução das ações necessárias ao cumprimento da lei estarem a cargo da SME.

curtas animados “Hapiness”, de Steve Cutts, e “Nuggets”, de Andreas Hykade), seguidas de debates entre os docentes e os integrantes do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas, um encontro com editores de vídeos e uma oficina de audiovisual em parceria com a Empresa Municipal de Multimeios (MultiRio).

No segundo momento deste projeto, foi ofertado o curso “Audiovisualidades na Educação sobre Drogas”⁵. Os professores inscritos receberam via correio eletrônico, um texto⁶ de apoio para subsidiar a discussão. Em função da pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, todas as ações da Mostra, incluindo o curso, foram realizadas de forma online, em tempo real, e transmitida pelo canal da MultiRio via *Youtube* e pelo canal Educação Integral, no aplicativo Rioeduca, assegurando que a formação alcançasse um número ainda maior de professores.

As ações acima sinalizadas ocorreram em setembro de 2021, abrindo espaço para o 1º Curso de Audiovisualidades e Educação sobre Drogas. O objetivo era problematizar o vício em tecnologia tendo como ponto de partida a exibição dos dois curtas-metragens. A metodologia utilizada visava proporcionar um espaço de diálogo e de aprendizagem sobre o tema, a partir das experiências cotidianas dos profissionais de ensino mediadas pelo audiovisual. O GPED/UERJ, em parceria com a GECTU, produziu um material didático específico para o curso, visando apoiar a discussão.

Com base nas discussões das sessões realizadas na Mostra durante a abertura, o tema escolhido para discussão no curso foi o vício em tecnologia. Tão comum entre os alunos e professores do século XXI, mas que ganhou novos contornos durante a pandemia de COVID-19. Segundo relatório da Organização Nacional das Nações Unidas (ONU) publicado em julho de 2023, o uso excessivo de celulares vem impactando o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Um dado interessante a destacar é que, inicialmente, a ideia era oferecer um curso de extensão, mas, devido ao contexto pandêmico, no qual os professores da rede pública dedicavam muitas horas do seu dia diante do computador, seja ministrando aulas ou participando de outras formações em serviço, o tempo do curso foi definido em quatro horas, visando uma maior adesão e o bem-estar dos participantes.

Vinte e dois professores do ensino fundamental I e II participaram dos dois encontros virtuais. Mais de 80% dos professores informaram na ficha de inscrição que nunca haviam realizado

⁵ Ementa do curso: O que é o audiovisual e seus múltiplos fins educativos; bases educativas para o uso do recurso audiovisual nas escolas; Educação sobre Drogas e suas possibilidades via recursos audiovisuais; análise de curtas-metragens sobre drogas: leitura e interpretação.

⁶ O texto intitulado Parceria Professor-aluno na Audiovisualidade em Educação sobre Drogas, foi escrito pelos pesquisadores do GPED participantes das oficinas, em parceria com Luciana Bessa Diniz de Menezes coordenadora do TDC, trouxe uma discussão sobre a utilização das audiovisualidades nas práticas da Educação sobre Drogas em sala de aula.

qualquer formação sobre o tema. Esse dado chama a atenção e aponta para uma lacuna na formação dos professores no tema.

No primeiro dia de curso foi exibido o curta “Ilimitada”⁷, produzido por alunos do Núcleo de Arte Professor Albert Einstein, unidade de extensão da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, localizada no bairro da Barra da Tijuca, zona oeste da cidade. O curta foi criado com o objetivo de participar do Concurso Tirando a Droga de Cena, no ano de 2019. Ele foi eleito Vídeo do Ano por um júri especializado.

A ideia de realizar um filme sobre o vício em tecnologia surgiu durante um debate na sala de aula entre os alunos. A partir daí, os jovens criaram a história de uma *youtuber* famosa que recebia diariamente pedidos inusitados de seus seguidores. De forma muito bem-humorada, eles discutem em uma sequência de imagens em movimento questões como: até que ponto vale a pena viver uma vida virtual? Quais são os limites do uso da tecnologia?

No caso do curta “Ilimitada”, o conceito de drogas ganhou outras delineações para além daquela mais conhecida que categoriza as drogas em lícitas e ilícitas. Ele abarca outra questão que afeta e muito a saúde e a vida social de milhares de jovens atualmente: o vício em tecnologia. Nesse dia, o curso contou com a participação especial do professor Diego Braga, responsável pela orientação da produção do vídeo junto aos alunos, e mais três estudantes que participaram da realização do curta.

No segundo dia do curso, foi exibida a animação “Escravos da Tecnologia”, de Steve Cutts (2016). A história apresenta de forma crítica a questão do vício em tecnologia na sociedade moderna. Cutts se utiliza de um tom satírico, provocador e polêmico, para abordar temas contemporâneos, especialmente sobre preservação do meio ambiente e direitos humanos. O vídeo de apenas três minutos e quinze segundos tem mais de dez milhões de visualizações em seu canal oficial no *Youtube*. Produzido em preto e branco e não apresenta diálogos.

Ao final do curso, os professores preencheram voluntariamente um questionário online para avaliar a formação. Dos 22 professores que participaram do curso, 13 consideraram a formação ótima, 5 pontuaram como muito boa e 3 como boa. Nenhum dos participantes avaliou de forma negativa a ação (2, 1 ou zero). Foi solicitado aos participantes breves considerações sobre sua experiência no curso. A seguir, destacamos alguns comentários, preservando o anonimato dos participantes, uma vez que não foi solicitado a eles autorização para divulgação de seus nomes no ato da inscrição.

As ideias e pontos trazidos pelos palestrantes me deu outra visão a respeito das drogas, inclusive as lícitas, que estão aí ao nosso alcance e de nossos alunos, que também nos prejudicam enquanto que só abominamos as ilícitas. Estou a refletir sobre essa questão. Obrigada por nos fazerem pensar além. (professora de uma escola localizada no bairro de Paciência, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro).

Achei muito interessante essa abordagem do “regime de psicoatividade”, porém como não criminalizar as drogas ilícitas? Como abordar o uso e abuso dessas drogas ilícitas?

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nR6tseppC-U>

(professora de uma unidade de extensão localizada no bairro do Leblon, zona sul da cidade do Rio de Janeiro)

Foi útil sim, principalmente por pensarmos em estratégias narrativas para abordar o tema. (professora de uma unidade de extensão localizada no bairro do Leblon, zona sul da cidade do Rio de Janeiro)

Com certeza. Explora não só a temática, mas traz alguns elementos que contribui para a percepção e desenvolvimento de práticas na escola. (professor de uma escola localizada no bairro de Copacabana, zona sula da cidade do Rio de Janeiro).

Gostei muito da abordagem desses dois dias de formação. A mente se abre a um novo olhar sobre o que é droga. Parabéns!!! (professora de uma escola localizada no bairro de Paciência, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro)

Ainda na ficha de avaliação, um professor apontou para a necessidade de ampliar o público-alvo do curso visando melhores resultados na educação sobre drogas na escola. Outro professor, que atuava na ocasião na 3ª Coordenadoria Regional de Educação (3ª CRE), zona norte da cidade do Rio de Janeiro, propôs a formação de um grupo permanente sobre o tema.

Em reunião entre o GPED/UERJ e os organizadores da Mostra da SME-RJ, o curso foi considerado um sucesso e importante para a formação tanto de professores quanto de alunos. A expectativa é que os professores que participaram dessa formação desdobrem os conhecimentos adquiridos e produzam com seus alunos vídeos mais consistentes sobre o tema.

A I Mostra de Audiovisual Tirando a Droga de Cena – Saúde & Bem-Estar contou, ainda, com um terceiro momento, em novembro de 2021. Na ocasião, foram apresentados vídeos produzidos por alunos e professores durante a pandemia contando como se mantiveram saudáveis. A ação foi intitulada Mostra Feito em Casa.

3. Considerações finais

Acerca do Curso de Audiovisualidades na Educação sobre Drogas, realizado em 2021, em plena pandemia da COVID-19, de forma experimental, pelo GPED/UERJ, em parceria com a Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ) pode ser considerado bem-sucedido, conforme demonstra a avaliação dos professores que participaram da formação. Aproximadamente 90% inscritos consideraram o curso de ótimo a bom. O fato de mais de 80% dos professores que participaram do curso informarem que nunca realizaram qualquer formação sobre o tema chama a atenção e aponta para a importância de se investir em mais ações junto aos professores.

Afinal, o audiovisual por si só não viabiliza a aprendizagem sobre a questão das drogas. É necessária uma série de outros fatores para a construção do conhecimento, entre eles, a mediação qualificada do professor, instigando a discussão e questionando tabus e mitos. Quer

dizer, não se trata de apenas usar o audiovisual, mas de problematizá-lo em sala de aula, o que vai desde um possível debate sobre um material à possibilidade de elaboração coletiva entre o professor e seus alunos. O que nos remete à importância da formação de professores para o uso das audiovisuais na Educação para as Drogas.

A visão amedrontadora que trata a droga na sua centralidade, negando o prazer ligado ao uso e principalmente às questões sociais e de subjetividade dos indivíduos, gera situações de violência atreladas ao combate às drogas. São conhecidas como guerra às drogas. Esse cenário vem sendo construído principalmente ao longo dos últimos duzentos anos e notadamente não traz resultados efetivos. Situação que se reproduz na escola, a partir da constatação da capilaridade de ações pedagógicas que reforçam uma perspectiva ligada a essa visão proibicionista.

Os professores, mesmo com o entendimento da importância da discussão, não se sentem preparados para trazer o tema a seus estudantes. Seja por falta de formação no temário ou por questões ligadas à violência gerada já discutidas anteriormente, sugerindo a necessidade de ampliação de canais de atualização em serviço.

Observamos possibilidades do uso das audiovisuais, principalmente a partir das percepções de que podem ampliar as discussões na Educação para Drogas, no momento que trabalha a criatividade do indivíduo a partir das reflexões inerentes ao seu cotidiano E o caráter democrático que pode ser conferido a essas produções a partir da possibilidade de utilização de aparelhos como *smartphones*, *tablets* ou câmeras de vídeo digitais e *softwares* livres e de fácil acesso, que podem reverberar em redes sociais e canais gratuitos de transmissão de vídeos.

Neste bojo, a análise destes materiais e ações educativas nos revelam um enorme potencial para se trabalhar as audiovisuais para estimular e aflorar o debate sobre álcool, medicamentos e outras drogas e, inclusive, de outros temas contemporâneos que permeiam o campo dos abusos e práticas indevidas entre jovens. Nessa ordem, tais dados são fundamentais para repensarmos caminhos pedagógicos para a formação de professores, tanto no ensino médio (curso normal) quanto na formação inicial e continuada de professores.

Um aspecto fundamental a ser acionado nesse processo é a desconstrução da premissa de que **a imagem não mente** (grifo nosso). Ao questionar os critérios/escolhas de produção das imagens (em movimento ou não), seus interesses e fins, abre-se espaço à percepção dos elementos implicados na construção, organização e estruturação dos discursos narrativos imagéticos. E mais: o percurso de decomposição aciona os meios de (re)composição.

Nesta lógica, é importante lembrar que, mesmo não tendo sido produzido com fins educativos, o audiovisual cumpre uma função educadora e nós aprendemos com ele. O tema drogas está presente em várias peças audiovisuais, desde comerciais de televisão, passando por campanhas

governamentais, filmes e séries. Um primeiro esforço para identificar as intencionalidades e os endereçamentos dessas composições (áudio)visuais mobiliza, necessariamente, investigação acerca dos argumentos desenvolvidos, das condições de produção que permeiam tais produtos imagéticos (em movimento ou não).

Significa trazer para o debate as questões consideradas no processo de seleção dos temas, da natureza da abordagem, dos elementos da edição/montagem, os quais estão envoltos nas proposições políticas que orientam a criação de tais produtos. Isso significa que a composição audiovisual não pode ser tomada como a realidade mesma, porque não é possível desconsiderar o processo de elaboração que envolve seleção de linguagem, tecnologia, público-alvo etc. E que parte do exercício é compreender a logística própria à produção, que possa ser examinada a partir de diferentes aspectos, como a construção da verdade e da ficção, os limites entre a realidade e o arbitrário, a interferência da imagem na estruturação e na condução do pensamento, a diferença entre ver e saber.

O Concurso Tirando a Droga de Cena está presente na rede municipal de Educação do Rio de Janeiro, em formato audiovisual desde 2010. Desde sua criação, apesar de algumas modificações, passou por diferentes administrações, com a última versão em 2021. Até o momento de escrita desse texto não temos informações da continuidade do concurso, reforçando que a última edição ocorreu há quatro anos.

Nossas discussões caminham do entendimento de que as audiovisualidades podem ter um papel importante no desenvolvimento de estratégias pedagógicas para uma Educação para as Drogas que saia dos discursos ligados a perpetuação da violência de uma política de guerra às drogas. Seguindo nessa direção, o concurso TDC visto como uma política pública, pode funcionar como caminho de discussão sobre drogas, ancorado na RD. Onde professores e alunos possam produzir conteúdos audiovisuais sobre o temário das drogas de forma coletiva e dialógica.

Referências

Adade, Mariana; Monteiro, Simone. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 1, pp. 215-230, 2014.

Antoniuzzi, Samanta.; Weinmann, Amadeu de Oliveira. Cidade de Deus em 360º. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34: e-5905, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/mVy8nWFvMP6nfJNLvST564H/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 29 jan. 2024.

Carneiro, Henrique Soares. **Drogas a história do proibicionismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018. 514p.

Coelho, Francisco José Figueiredo; Monteiro, Simone. Formação de Professores em um Curso Online sobre Drogas: Contribuições da Redução de Danos para a Educação sobre Drogas: um debate necessário. In: Scientiarum Historia XI – 11º Congresso de História das Ciências das Técnicas e Epistemologia (HCTE), 9, 2018, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

Coelho, Francisco José Figueiredo; Silva, Maria de Lourdes da; Monteiro, Simone. **Contribuições da abordagem da redução de danos para a educação sobre drogas**. In: Ensino de Biociências, Meio Ambiente e Saúde: Dialogando com referenciais teóricos. 1ª ed., Curitiba: Brasil Publishing, pp. 70-81, 2020

Duarte, Rosália. **Cinema & Educação**. 3. Ed. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2009.

Ferrés, Joan. **Vídeo e Educação**. 2ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Fischer, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, pp. 151-162, 2002.

Kilpp, Suzana. Imagens conectivas da cultura. **Revista Famecos**, v. 17, n. 3, pp. 181-189, 2010.

Melo, Everton Samuel dos Santos. Criminalidade e drogas: problemas sociais analisados a partir do filme “Cidade de Deus”. **Agir Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas**, v. 1, n. 6, 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nmvpM> Acesso: 29 jan. 2024.

Morán, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**, v. 1, n. 2, pp.27-35, 1995.

Ribeiro, Maurides de Melo; Bellini Júnior, Antônio Carlos. Conceito de Redução de Danos em Políticas Públicas Relacionadas a Drogas. **Boletim do Instituto de Saúde**, v. 21, n. 2, pp.32-39, 2020.

Rodrigues, Thiago. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. 2.ed. São Paulo: Desatino, 2012. 144 p.

Silva, Eroy Aparecida da *et al.* As drogas no âmbito familiar, sob a perspectiva do cinema. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 1, pp. 214-222, 2008.

Soares, Maria da Conceição Silva. O audiovisual como dispositivo de pesquisa nos/com os cotidianos das escolas. **Visualidades**, v.14, n.1, 2016.

Victorio Filho, Aldo; Berino, Aristóteles; Soares, Maria da Conceição Silva. **Conversas com Pesquisas sobre educação e audiovisualidades**. In: Educação e Audiovisualidades. 1ª ed., Curitiba: Appris Editora, pp. 11-22; 2018.